

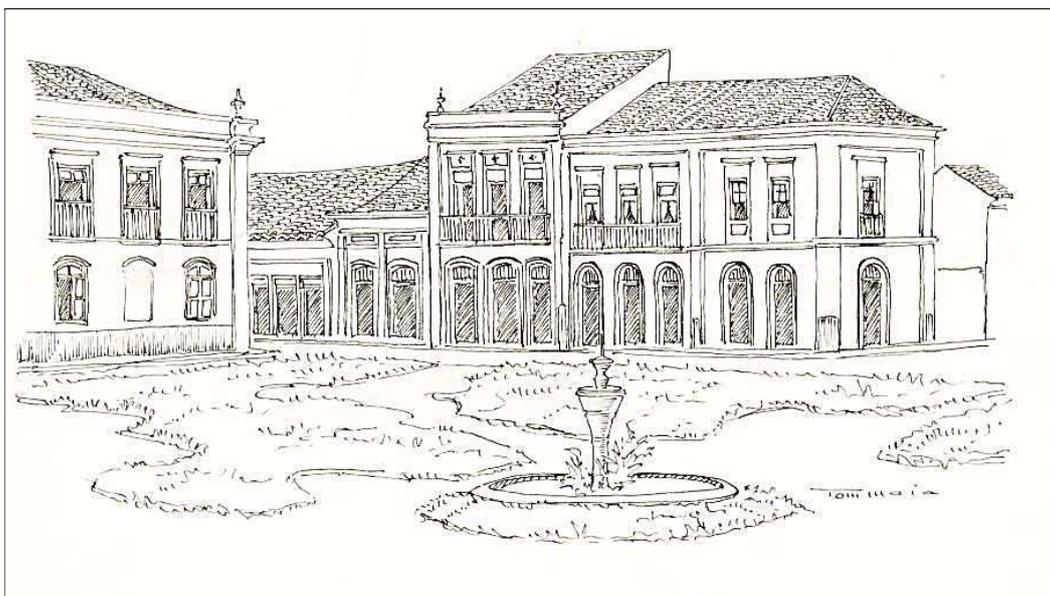
MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ

Pç. Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar - Centro - Tel: (12) 3122-3674
www.casadefreigalvao.com.br / museufreigalvao@yahoo.com.br

2021

nº 346

O LARGO



No centro histórico de Guaratinguetá existia uma bela praça quadrangular com um arvoredado denso e alegre. No centro, sobre um pedestal de cimento com inscrições de bronze e cercado por um tanque de beirada baixa e redonda, estava a estátua de corpo inteiro do grande Presidente da República Conselheiro Rodrigues Alves. Filho ilustre da terra, era ele que dava seu nome a essa Praça, anteriormente chamada de Treze de Maio.

Porém, para nós, para toda gente, para todo o povo, para toda a cidade, para todo mundo, essa praça central, alegremente arborizada, bem dividida e bem iluminada, era conhecida como “**o Largo**”. Era o Largo para nós, era o Largo para todos, era sem dúvida alguma o Largo, e não se discutia. Era o Largo e ponto final, o Largo.

O quadrado desse Largo ficava logo à direita de quem descia a Ladeira da Matriz. Se seguia em linha reta, lateralmente a esse quadrado do Largo, se chegava à rua Nova do Porto. Tinha o Cineteatro Central na esquina, à sua direita; na esquina da esquerda ficava a casa da Família Filippo. Para todos nós era a rua Nova e é a atual rua José Bonifácio.

Do outro lado do quadrado do Largo havia um grande vão. Era um espaço enorme, vazio e isósceles, porque era mais curto no lado de cima e mais comprido no lado de baixo. No lado de lá, vinha de cima a rua Dr. Morais Filho. De baixo, em direção ao rio descia a rua que para nós era a rua do Porto. Tinha existido um porto no rio Paraíba. É a atual rua Comendador Rodrigues Alves.

O quadrado do Largo teria aproximadamente cem metros em cada um de seus lados. Existia uma elegante simetria em seus inúmeros canteiros, exuberantemente ajardinados e arborizados, resultado do trabalho de um jardineiro permanente que guardava seus instrumentos debaixo de um coreto que tinha uma abertura com uma pequena porta para esse fim.

Esse coreto, de uns quatro metros de diâmetro e de uma altura de cerca de um metro do piso tinha uma gradezinha de cimento com pequenas colunas e um portãozinho logo adiante da escada que dava acesso às bandas musicais. Havia uma banda, que era Municipal, na rua Feijó. Apelidada de A Furiosa era antes regida pelo maestro Clarimundo Cuba. Foi, depois, dirigida por seu Virgílio, inspetor de alunos da Escola Normal que, de igual modo, regia bem.

Atravessando todo Largo, de canto a canto, cruzava um enorme X de mais de dois metros de largura, com bancos nos dois lados, bancos que se voltavam um para o outro. Era interrompido, ao meio, pelo conjunto que havia em volta da estátua. Nesse entorno da estátua ficava um amplo vazio de quase três metros. Servia para a circulação das pessoas e era cercado por bancos confortáveis, de massa colorida, iguais aos demais e todos voltados para a estátua.

Uma divisão intermediária também de uns dois metros de largura contornava todo interior médio do Largo, passando pelos braços do X que atravessava o Largo. Seus bancos, colocados apenas de um lado, eram igualmente voltados para a estátua lá no centro. Em todo o Largo, nos seus quatro lados de cerca de cem metros cada um, havia uma ampla calçada de mais de três metros de largura, com bonitos postes de ferro trabalhado com a gravação em relevo “Made in England”.

Esses postes contornavam em grande número todo o entorno do calçadão que envolvia o Largo. Contudo todos os postes foram retirados, ninguém sabe por que nem para que, nem para onde foram. Depois todo o Largo foi destruído talvez para transformá-lo em calçadão. O que ficou foi um quase vazio, lembrando uma terra arrasada. Ficaram alguns bancos olhando para a rua.

Existia uma instituição no Largo. Era perene, era nossa e se chamava “as voltas”. Era assim: a moçada circulava pelo lado de fora, não externo, do calçadão de mais de três metros de largura que envolvia os quatro lados do Largo. Elas iam no sentido anti-

horário, em grupos de três, de quatro e até de mais meninas. Andavam em sentido contrário ao dos rapazes, que circulavam pelo lado de dentro, em grupos menores, de dois ou de três. Era o início.

Tudo era empírico, mas era a tradição: o calçadão pertencia à mocidade; aos casais circulando ou sentados nos bancos, pertencia o círculo intermediário; a volta da estátua pertencia aos mais velhos, que ali andavam, conversavam e se sentavam. Pelas ruas e pelo vazio que envolviam o Largo passeava a massa mais humilde. Enchia as ruas sempre no sentido anti-horário. Contava, aos domingos, com um pequeno grupo da elite, a mais abonada, apelidado de “o bando da lua”.

O grande espaço vazio do lado de lá do Largo pertencia, primeiro, aos carros de praça. Haveria seis ou sete deles, ou talvez mais. Não se falava em taxis, eram mesmo carros de praça. Ficavam encostados de costas para a calçada do Largo. À sua frente, no grande vazio, nas datas cívicas era armado um palanque para as autoridades. Assistiam, sempre com longos discursos (que, não raro, faziam um ou outro estudante desmaiar) os seguidos desfiles escolares que amarguravam a criançada pela demora e pelo sol.

O escritor Brito Broca, em suas *“Memórias”*, no capítulo “Dias que abalaram Guaratingetá”, também cita o local:

- *“Houve qualquer coisa no Largo! O povo está correndo! Deram uns tiros lá no Largo! Parece que mataram o Tino Mascate...”*

Uma bala alcançou o filho do João Lourenço!” Coisas da política...

Acontecia vez por outra a montagem de palanque para comícios políticos. Nos ares políticos o impossível chegou a acontecer. Foi uma vez que dois comícios de peso, de peso-bruto, foram marcados por dois partidos adversários ferrenhos, ambos para o mesmo Largo e na mesma hora. Diga-se, com clareza, que um deles anunciava a presença, nem mais nem menos, do Presidente Getúlio Vargas! Getúlio viria?

A espera era angustiante. Os dois comícios nunca começavam, iam demorando muito, muito, demais. Mas ambos aconteceriam no Largo. Getúlio Vargas finalmente chegaria! Chegaria sim, mas para o comício de lá. Percebia-se com clareza que vinha cercado pela tropa de choque do comício de lá. Soube-se que o grande líder popular havia sido sequestrado na estrada, longe da entrada da cidade. Político sagaz, observou tudo muito claramente, e falou. Falou com calma, disse nada, mas falou!

Teve um acontecimento político raro, impensável. Um grupo de meninas fez uma alegre música política que enaltecia um seu professor, candidato da oposição. Era assim sua letra: *na escola está tudo mudado – na véspera da eleição – em vez de Broca e Getúlio – nós estudantes queremos seu João*. Referiam-se ao professor João Rodrigues de Alckmin, muito querido pelos alunos e era candidato.

Cantarolavam pelo Largo essas estrofes quando o previsível aconteceu. A eficaz tropa de choque de Broca Filho, ouviu. E partiu do seu canto do Senadinho do lado do Forum e cumpriu seu serviço, espancando de cacete e de chicote as pernas das alegres meninas cantoras. Tinha um Centro Estudantino e para lá as meninas correram pedindo socorro.

O Centro Estudantino era impotente e sugeriu que todas acoressem ao Promotor Público. Todos sabiam que a polícia e o grupo do deputado Broca Filho eram uma coisa só. Todos esforços se mostraram inúteis e as famílias compreenderam que tudo poderia acabar, de um jeito ou de outro, debaixo da gigantesca tutela do grupo do deputado Broca Filho. Ainda mais, poderia ferir famílias e muitos amigos. Ficou o silêncio.

Um acontecimento espetacular foi, sem dúvida a passagem de um disco voador em voo rasante sobre o Largo. Tão rasante que chegou a resvalar sobre seu denso arvoredo. Aconteceu em um sábado, às dez para as nove. Exatamente no momento do maior movimento da multidão que, a essa hora, saía da sessão das sete nos dois cinemas, o Cineteatro Central e o Cine Urânio.

Esse fato extraordinário foi presenciado pelo Juiz de Direito da Comarca, Dr. Manuel Eduardo Pereira, à sua saída do Cine Urânio. Zeloso pela verdade, tendo sido procurado pela grande imprensa da capital, o magistrado descreveu com minúcias os volteios espetaculares do UFO sobre todo o arvoredo do Largo para, em rápido movimento, ganhar instantaneamente altura e desaparecer!

Fato tão notável mereceu cuidadosas análises, minuciosas descrições acirradas e, vez por outra, algum desentendimento até que, na terça-feira seguinte, tudo veio a se esclarecer. O objeto voador não identificado, que tinha jatos de luzes coloridas partindo de janelinhas da estreita nacele, e evoluiu espetacularmente no Largo diante de uma multidão estarecida, era criação do Gatty, meu irmão. Nem eu sabia!

Tom Maia.

www.therezaetommaia.com.br

NOTA – no desenho, à esquerda, o Fórum, antiga Casa da Câmara e Cadeira.